



Roberto de A. P. de Barros¹

Resenha: Silvio Vietta. *Racionalidade – uma história universal. Cultura europeia e Globalização*. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 2015. 510 p. Tradução brasileira de Nélcio Schneider.

O Dr. Silvio Vietta é Professor emérito da Universidade de Hildesheim (Alemanha), autor e organizador de inúmeros livros que envolvem a temática da modernidade sob vários pontos de vista e perspectivas. O livro aqui em questão é uma tradução de louvável qualidade, do primeiramente publicado em língua alemã *Rationalität – Eine Weltgeschichte. Europäische Kulturgeschichte und Globalisierung*. München: Wilhelm Verlag, 2013.

O livro trata, decisivamente e em um horizonte de significativa abrangência, do processo de estabelecimento e de desenvolvimento da racionalidade ocidental, em um espectro que abarca o pensamento racional e as suas associações com a irracionalidade. Vietta parte de quatro teses:

1. Os atores principais da história humana não são, em última linha, os seres humanos, quer regentes, imperadores, ditadores, políticos, tampouco as classes sociais”, (...), mas “é uma faculdade humana, muito unilateral, mas sumamente eficiente: a *racionalidade*” (Vietta, 2015, p. 11).
2. A existência de um conflito entre a racionalidade e a irracionalidade, que diz respeito à transposição de procedimentos lógico-causais para os âmbitos da vida humana não redutível a estes aspectos.

¹ Professor da Faculdade de Filosofia e do PPGFIL da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail para contato: robertbarr@gmx.net .

3. A importância da necessidade de consideração dos aspectos neurofisiológicos da racionalidade, analisados sob o ponto de vista neurológico e da estrutura e funcionamento do cérebro humano, que então são tomados pelo autor como significativos no que se refere à forma de existência e de atuação da racionalidade lógica, dada a constatação do domínio das funções do lobo parietal esquerdo e do lobo frontal, imprimindo na cultura uma marca racional (Vietta, 2015, p. 23).
4. A potencialidade da análise das dimensões políticas e conceituais da racionalidade associadas à ideia de liberdade, decisivamente no que concerne às relações históricas entre racionalidade, formas de governo, regimes políticos, manifestações artísticas e posicionamentos sociológicos e filosóficos, como os de Max Weber, Niklas Luhmann, Lúkas, Adorno e Heidegger. Este último aspecto remete Vietta à questão da crítica da racionalidade, que, para ele, se subdivide em três partes, que envolvem literatura, sociologia e filosofia.

Metodologicamente o autor parte da tese segundo a qual “a história cultural europeia, hoje global, é conduzida por um só poder – o da racionalidade”, a partir da qual pressupõe o surgimento de uma “cultura mundial unitária, a civilização global” (Vietta, 2015, p.41). Isso é denominado por ele de caráter unificante da racionalidade, que constitui o núcleo argumentativo do livro. Este é dividido em sete capítulos.

O primeiro, intitulado “A invenção da racionalidade”, “Investiga a fundamentação da racionalidade como forma explícita do saber na primeira fase da filosofia grega” (Vietta, 2015, p. 43), decisivamente no que concerne a oposição entre racionalidade e o conceito *aistética* (sensibilidade, emotividade) que, para Vietta, constitui o cerne da cisão da cultura ocidental, dividida entre estas duas perspectivas. Neste capítulo, a perspectiva se expande da primeira racionalidade grega a Kant, ou seja, da tentativa de esclarecer a essência oculta das coisas, chegando então com Kant a um “*método de pensar projetado sobre as coisas*” (Vietta, 2015, p. 84), que coloca a racionalidade como centro da história humana.

O segundo capítulo trata da matematização da racionalidade, de sua história, que remonta novamente aos gregos antigos (pitagóricos), mesmo considerando o protagonismo do oriente neste ponto (Vietta, 2015, p. 99), passando pelo processo industrialização, movimentos políticos como o nazi-fascismo e alcançando a crítica

interna da cultura ocidental por pensadores das sociedades pós-industriais e a racionalidade inerente à fundação da união europeia.

O terceiro capítulo trata da racionalização do espaço e parte da compreensão da racionalidade como pensamento calculador, aritmético, a partir da qual é formulada a tese segundo a qual a geometria deve ser entendida como pensamento que organiza o espaço a partir de subdivisões em unidades calculáveis. Neste sentido, ela é entendida como “racionalidade como pensamento espacial” (Vietta, 2015, p. 157). Nele é retomada a tese do caráter unificante da racionalidade, a partir de aspectos que remontam primeiramente à filosofia grega, a partir da qual se desdobram em aspectos teológicos, econômico-políticos, históricos e arquitetônicos da análise.

O quarto capítulo trata da racionalização do tempo e parte da tese da sua definição como fruto do pensamento calculador, que define o próprio tempo como “sequência calculável de unidades normatizadas” (Vietta, 2015, p. 213). Novamente, em um amplo espectro que parte da concepção filosófica, passando pela concepção de calendários e de fusos horários, até a sua transformação em concepção técnica do tempo, Vietta explora as agruras da transposição deste padrão de racionalidade para o domínio humano, constituindo com isso um instrumento de análise das concepções raciais e totalitárias europeias. Com efeito, o estabelecimento de uma mensuração do tempo, é interpretado como o início de um sistema de controle técnico do humano. “O tempo se postou diante do ser humano como um crivo mecânico” (Vietta, 2015, p. 244). Racionalização do tempo significa tanto a sua formalização como a do homem, que a partir do estabelecimento de técnicas objetivas de mensuração, passa a ser também objetivamente compreendido. A ideia de um progresso do homem temporalmente identificável é explorando por Vietta para compreender a racionalidade inerente ao expansionismo colonial europeu e o surgimento das ideologias do século XX com os seus respectivos processos de extermínios de massa, como o “Gulag” e o “campo de concentração” (Vietta, 2015, p. 265).

O quinto capítulo trata do caráter expansionista da racionalidade, que para o autor é a responsável pela “sociedade atual unificada como império da racionalidade”, como “sistema cultural global que funciona segundo as regras da racionalidade” (Vietta, 2015, p. 285). Vietta faz uso da análise da racionalidade ocidental para usá-la como instrumento de uma consideração da história mundial sob a ótica europeia. Seu ponto de vista é, todavia, crítico, pois por esta via ele busca evidenciar o processo

expansionista de desenvolvimento e estabelecimento do “império da racionalidade” (Vietta, 2015, p. 365) que, em seus aspectos bélico, administrativo e comunicacional, foi capaz de garantir o predomínio da cultura ocidental no mundo. Vietta diferencia então o imperialismo antigo e a racionalidade colonial do conceito de *alto imperialismo moderno* (Vietta, 2015, p. 366), qualitativamente mais elevado e de matriz europeia (Vietta, 2015, p. 366), responsável pelo surgimento do *imperialismo transnacional* promovido por grandes conglomerados e corporações (Vietta, 2015, p. 380), que “procuram monopolizar os meios de subsistência e as reservas da terra – água, por exemplo – e convertê-los em sua propriedade e, desse modo, tornar-se proprietários globais das reservas vitais do globo” (Vietta, 2015, p. 381). Enquanto identifica este como o padrão das *grandes potências nacionalistas*, como USA e China, Vietta o diferencia do colonialismo interno da *União Europeia*, que “exporta padrões de uma produção industrial, técnica e financeira capitalista em grande escala e seu correspondente consumo da região centro-europeia para zonas periféricas da Europa e naturalmente para além destas” (Vietta, 2015, p. 381), o que levou ao estabelecimento de um sistema de endividamento de países periféricos em favor das grandes potências econômicas daquele continente.

O sexto capítulo explora a relação entre racionalidade e monetarização e parte do pressuposto de que “o dinheiro é a mais importante objetivação social da racionalidade e está integrado no processo total da racionalização da cultura” (Vietta, 2015, p. 391), ao mesmo tempo que aborda o seu aspecto irracional, fundado em um “pensamento puramente calculador, que transforma o mundo numa operação aritmética de valores cifráveis e pagáveis” (Vietta, 2015, p. 391). O ponto de partida deste capítulo é filosófico e se refere ao aspecto calculável, valorativo, abstrato-unitária do dinheiro (Vietta, 2015, p. 392).

O sétimo e último capítulo possui um cunho antropológico, especificamente no que se refere à constituição *aistética* do ser humano, ao conjunto dos seus sentidos, emoções e fantasias. Tendo em vista a tensão cultural entre racional e irracional que ocupa uma posição nuclear na cultura ocidental, Vietta se volta para “os âmbitos da consciência humana que a racionalidade dissociou de si mesma: a percepção sensível, as emoções e a fantasia” (Vietta, 2015, p. 475). Sua pretensão é explicitar o processo cultural que opõe racionalidade e *aistética*. Enquanto a racionalidade é apresentada como função dominante no âmbito da cultura, Vietta analisa a *aistética*

enquanto “o primado sobre a racionalidade no âmbito histórico da genética humana” (Vietta, 2015, p. 476). Desse modo, ele empreende uma análise do processo de inversão desta precedência. Retorna a Kant para demonstrar como a descrição formal do uso das categorias racionais tornou-se para o ocidente uma forma de identificar “o existir humano segundo uma forma cultural abstrata bem determinada, a saber, a que foi desenvolvida na Europa e define essa forma de percepção como a forma básica da consciência humana por excelência” (Vietta, 2015, p. 477) e flexibiliza esta perspectiva defrontando-a com a epistemologia genética de Piaget, a partir do ponto de vista segundo o qual as operações funcionais passam a ser pensadas a partir de um fundamento biológico e como desenvolvidas a partir de atividades reais em conflito com o meio ambiente. O pressuposto segundo o qual “o pensamento lógico sempre toma forma num contexto social” (Vietta, 2015, p. 478), possibilita Vietta afirmar que nas “sociedades primitivas”, não pautadas no pensamento abstrato europeu, a “*aisthesis* primária justamente não foi direcionada racionalmente para o êxito, mas mais fortemente marcada pelo modo do encontro natural, bem como pelos modos primários da vida social” (Vietta, 2015, p. 479). Isso serve de base para a compreensão do caráter cada vez mais abstrato das sociedades racionalizadas e de sua perda cada vez maior de contato com a base terrena da esfera primária de vida. Em diferenciação a isso, o autor retorna a Herder e a sua interpretação da linguagem figurativa da poesia como primeira linguagem. Esse é o ponto que Vietta utiliza para, no tópico final do livro, fazer seu apelo por uma nova cultura *aistética* racional, em diferenciação ao “império global da racionalidade”, do pensamento finalista e calculista. Não se trata de um apelo a um retorno, mas de um posicionamento pautado na percepção de que “o desenvolvimento da racionalidade está chegando aos seus limites” (Vietta, 2015, p. 489), não no sentido de um esgotamento de possibilidades, mas de constatação das dificuldades e problemas da transposição de padrões racionais causais para o mundo humano, o que significaria que “possivelmente nos encontramos em uma fase *escatológica* da racionalidade, que abriga em si mesma simultaneamente o despertar de um *novo mundo*” (Vietta, 2015, p. 489). Este novo mundo é indicado pelo autor a partir de cinco ideias, “que derivam da lógica do próprio desenvolvimento” (Vietta, 2015, p. 490). 1. A percepção dos limites do padrão racional de expansão linear que marcou 2.700 anos de história humana. 2. A revogação das unilateralidades deverá fazer cada vez mais parte da crítica da racionalidade. 3. A presença de uma forma crítico-reflexiva da racionalidade que se oporia à uniformidade

do *monoteísmo* da racionalidade (Vietta, 2015, p. 492). 4. A exigência racional de “repartição mais justa das riquezas desta Terra, tanto nos centros do império da racionalidade como também na relação entre centro e periferias” (Vietta, 2015, p. 492). 5. A necessidade cada vez mais clara, de uma cultura mais integradora, que melhor equacione as possibilidades de liberdade e democracia da racionalidade e as potencialidades opressivas.

Racionalidade – uma história mundial é um trabalho de amplíssima envergadura e que se propõe a apresentar aspectos de análise da contemporaneidade sob múltiplas perspectivas. Silvio Vietta logra com ele uma obra de grande densidade, que, sem dúvida, fornece argumentos importantes para a tarefa premente de reflexão sobre a relação entre racionalidade e mundo.